

MUNDO DAS INFÂNCIAS: SABENÇAS, AUTORIAS E SEUS MULTILETRAMENTOS NA CARTOGRAFIA.

Paloma Danielle Barra Machado Coelho
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
paloma.dcoelho@rioeduca.net

Marcelo Rossi Campos dos Santos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
profmarcelorossi.rj@gmail.com

Pontinho de vista

Eu sou pequeno, me dizem,
e eu fico muito zangado.
Tenho de olhar todo mundo
com o queixo levantado.
Mas, se formiga falasse
e me visse lá do chão,
ia dizer, com certeza:
– Minha nossa, que grandão!
(BANDEIRA, 2011)

Assim como o poema do Pedro Bandeira, escrevo esse artigo buscando fazer uma interlocução com esse olhar infantil frente ao mundo, suas vivências, expectativas, experiências, imaginações, encontros e desencontros, descobertas, e todas as possibilidades presentes na infância. Um convite para inverter a lógica do mundo adultocêntrico, expresso pela criança que se zanga ao ter que olhar sempre para cima, entretanto, quando se compara com a miudeza de uma formiga sente-se “grandão”, pois tudo depende do ponto de vista, e nesse resumo, o olhar dos pequenos é o principal ponto de vista.

Para entrelaçar essa temática envolvente, uso como referencial teórico: Rufino (2019), Coelho (2019), Lobato (2020) Lopes e Costa (2023) que tem auxiliado para melhor compreender as singularidades da infância, trazendo um foco muito específico: suas lógicas, suas geografias, suas formas de existir no espaço, conversas sobre as diversas formas de espacialidades do mundo, podendo gerar autorias infantis, visto seus vastos repertórios.

Quando se pensa em infância, remete-se a um período de vida vulnerável, curioso, movimentado, com muitas brincadeiras e diversas descobertas, sendo para alguns, coisas de “criança”, já para Lopes e Costa (2023) são:

“possibilidades de usos e produção de novos espaços, a partir de suas lógicas e autorias infantis, nas vivências com seus pares, com os adultos e com os demais elementos do mundo que habitam: animais, flores, plantas, areia, terra, barro, gravetos, uma infinidade de elementos que se relacionam com suas vidas. São vivências situadas histórica e geograficamente, que se dão na cultura, na linguagem e se fazem em uma unidade que envolve a sociedade, a natureza e a vida, facetas que forjam as geografias do ser”. (LOPES E COSTA, 2023)

Diante disso, surgem algumas questões: as vivências infantis são valorizadas? Suas autorias tem reconhecimento? Imagine mapear um lugar através dos olhos de uma criança? A partir dessa perspectiva, o presente estudo busca valorizar o protagonismo infantil, com intuito de validar suas sabenças, autorias e os multiletramentos que são adquiridos ao decorrer da vida, como explicita Lobato (2020).

O objetivo principal desse artigo é estimular e valorizar a produção dos mapas autorais infantis, considerando suas eloquentes sabedorias, com olhares e criatividade únicas e muitas vezes, inovadoras. Fazendo valer, suas diversas interações e interpretações com o lugar em que habitam, seu microcosmo, que permitem reflexões e que muitas vezes não são vistas como importantes e não são incorporadas em estudos geográficos, tampouco cartográficos.

Para isso, é preciso refletir sobre a forma como ocorre o processo de ensino e aprendizagem, necessariamente ele só vai ocorrer quando a criança é inserida no espaço escolar? Ou vai valorizar todas suas sabenças adquiridas desde a tenra idade? Coelho (2019) baseando-se em Paulo Freire e Vigotiski, pontua que a introdução da criança ao ensino da cartografia deve buscar trabalhar os conhecimentos que o educando traz consigo do meio social de convívio, podendo ser utilizados para o aprimoramento do conhecimento e melhor aprendizado. O aprendizado acontece de maneira que a criança vai descobrindo seu mundo e o mundo ao seu redor. A partir daí a criança vai descobrindo as maneiras de visualizar e reconhecer o mundo a que ela pertence e como representá-lo.

Entrelaçando o olhar de Coelho (2019) ao de Lobato (2020) é possível compreender que conforme a criança vai descobrindo seu mundo, ela vai adquirindo multiletramentos, e com o acúmulo desses letramentos é possível construir alicerces para posteriormente serem utilizados na Cartografia.

Seguindo com o debate, bell hooks (2017), vai trazer uma visão de educação holística, que pensa o sujeito como um todo, deixando fluir a necessidade de desenvolver uma Pedagogia engajada, que seja comprometida não só com conceitos pré-estabelecidos e depósito de conhecimentos, mas que valorize o estudante e suas subjetividades de forma a trabalhar sua mente, corpo e espírito.

Sob esse prisma, a Geografia, especificamente a Cartografia, revela-se como uma linguagem a ser ensinada na escola, conforme dita a Cartografia Tradicional, entretanto, acredito que o ensino dessa linguagem é potencializado pelos Multiletramentos na Cartografia e as diversas tecnologias que podem ser aplicadas durante as vivências infantis. Todavia, quando falamos sobre a vida escolar, percebe-se que a Cartografia na infância é introduzida tardiamente, e muitas vezes remetem a uma Cartografia tradicional, pautada em métodos de memorização, e que, por conseguinte, impede que o olhar espacial seja despertado, e desenvolvido gradativamente na vida das crianças, o que acarreta a criação de indivíduos sem noções geográficas, desinteresse ou inseguranças com a cartografia. (LOBATO, 2020)

Para realçar as lógicas infantis, seguiremos pelo olhar atencioso do autor Rufino (2019), no qual propõe um *ebó* epistêmico, *ebó* é uma palavra de origem Iorubá que consiste em um ritual de base africana, criado para reequilibrar os aspectos da vida de um indivíduo. Ele também opera como um princípio tecnológico, uma vez que é a partir dele que se estabelecem as comunicações, trocas e invenções de possibilidades. Assim com base nos teóricos apresentado até aqui, se propõe um multiletramento subversivo na contramão da colonialidade do saber (Lander, 2000) que estrutura nossas instituições de ensino, construímos uma comunidade de aprendizados (hooks, 2017) que sugere cruzar os conhecimentos, atravessando-os com outros saberes e fazeres, configurando àquilo que (Rufino, 2019) nomeia de *ebó epistêmico*. Assim lanço neste resumo um *ebó epistêmico* ao mundo das infâncias, por meio deste pequeno espaço de trocas, apresentando um novo ponto de vista quanto à forma de se olhar as lógicas infantis, como a criação de protagonismo e validação das lógicas e autorias infantis.

Dessa forma, conclui-se que se pode ter um novo olhar para as infâncias, a partir das práticas pedagógicas para criar oportunidades e espaços dentro e fora da escola, no qual a criança possa criar um mapa e desenvolver sua narrativa. Percebe-se dessa maneira que é preciso reconhecer e respeitar a imaginação das crianças, oferecendo aos pequenos a oportunidade de criarem seus próprios mundos, sem que façam com um olhar adulto

sobre os materiais produzidos, tudo isso, sob a luz dos autores apresentados ao longo desse resumo.

Essa pesquisa, porém, não acaba aqui. Ela precisa ser vista em espaços e contextos outros. Nos quais gerará perguntas, reflexões e mais perguntas, num ciclo contínuo de pesquisa que sempre culminará em ação, reflexão-ação.

Referências

BANDEIRA, Pedro. **Por enquanto eu sou pequeno**. São Paulo, Editora Moderna, 2011.

COELHO, Paloma Danielle Barra Machado Coelho. **Iniciação Cartográfica na educação infantil: o desenho “Dora, a aventureira” como ferramenta pedagógica**. Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, RJ, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Trad Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

LOBATO, Rodrigo Batista. **Multiletramentos na Cartografia**. Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2020.

LOPES, J. J. M.; COSTA, B. M. F. **Mapas Vivenciais e Espacialização da Vida**. Porto das Letras, 9(1), p. 321–335, 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019